

George Canguilhem (1904-1995)

O QUE É A PSICOLOGIA? ¹

A questão “Que é a psicologia?” parece mais perturbadora para o psicólogo do que é, para o filósofo, a questão “Que é a filosofia?”. Porque, para a filosofia, a questão de seu sentido e de sua essência a constitui, bem mais do que define uma resposta a esta questão. O fato de que a questão renasça incessantemente, na falta de uma resposta satisfatória, é, para quem gostaria de poder se chamar filósofo, uma razão de humildade e não uma causa de humilhação. Mas, para a psicologia, a questão de sua essência, ou mais modestamente de seu conceito, coloca em questão também a própria existência do psicólogo, na medida em que, por não poder responder exatamente sobre o que é, tornou-se bastante difícil para ele responder sobre o que faz. Ele não pode, então, procurar, senão numa eficácia sempre discutível, a justificação de sua importância de especialista, importância que não desagradaria absolutamente a alguns que ela originasse no filósofo um complexo de inferioridade.

Ao dizer da eficácia do psicólogo que ela é discutível, não se quer dizer que ela é ilusória; quer-se simplesmente observar que esta eficácia está sem dúvida mal fundada, enquanto não se fizer prova de que ela é devida à aplicação de uma ciência, isto é, enquanto o estatuto da psicologia não estiver fixado de tal maneira que se deva considerá-la como mais e melhor do que um empirismo² composto, literariamente codificado para fins de ensinamento. De fato, de muitos trabalhos de psicologia, se tem a impressão de que misturam a uma filosofia sem rigor uma ética sem exigência e uma medicina sem controle. Filosofia sem rigor, porque eclética sob pretexto de objetividade; ética sem exigência, porque associando experiências etológicas³ elas próprias sem crítica, a do confessor, do educador, do chefe, do juiz, etc.; medicina sem controle, visto que, das três espécies de doenças, as mais ininteligíveis e as menos curáveis, doenças da pele, doença dos nervos e doenças mentais, o estudo e o tratamento das duas últimas forneceram sempre à psicologia observações e hipóteses.

Portanto, pode parecer que, perguntando “Que é a psicologia?”, se coloca uma pergunta que não é nem impertinente nem fútil.

Procurou-se, durante muito tempo, a unidade característica do conceito de uma ciência na direção de seu objeto. O objeto ditaria o método utilizado para o estudo de suas propriedades. Mas era, no fundo, limitar a ciência à investigação de um dado, à exploração de um domínio. Quando se tornou claro que toda ciência se dá mais ou menos seu dado e se apropria, assim, daquilo que se chama seu domínio, o conceito de uma ciência progressivamente fez valer mais seu método do que seu objeto. Ou, mais exatamente, a expressão “objeto da ciência” recebeu um sentido novo. O objeto da ciência não é mais somente o domínio específico dos problemas, dos obstáculos a resolver, é também a intenção e o alvo do sujeito da ciência; é o projeto específico que constitui como tal uma consciência teórica.

¹ Conferência dada no Collège Philosophique em 18 de dezembro de 1956 e publicada na Revue de Métaphysique et de Morale, nº 1, 1958; no Cahiers pour l'Analyse, nº 2, março 1966; e na coletânea Études d'histoire et de philosophie des sciences. Paris: Vrin, 1979. Tradução de Maria da Glória Ribeiro da Silva editada na revista Tempo Brasileiro, n.30-31 (org. Carlos Henrique Escobar), 1973, pp. 104-123. Notas críticas de Monah Winograd.

² [Empirismo: concepção segundo a qual o conhecimento está fundado sobre a experiência sensível externa (as sensações) e interna (nossos sentimentos tais quais são vividos). John Locke (1632-1704) é o autor do texto “canônico” do empirismo. A alma, ele escreve, é uma tábua rasa, uma página em branco, vazia de caracteres. “Como ela vem a receber as idéias (...) De onde ela extrai os materiais que são como o fundo de todos os seus raciocínios e de todos os seus conhecimentos? A isto, eu respondo com uma palavra, da experiência” (*Ensaio filosófico concernindo o entendimento humano*, I, 2). O empirismo clássico afirma que o conhecimento tem uma base sensível (as idéias são as cópias das impressões sensíveis); ele descreve a produção dos conceitos e das idéias gerais, a partir das sensações primitivas, por meio dos signos da linguagem (uma idéia abstrata e geral não é senão uma palavra que serve para representar idéias particulares e concretas, elas mesmas derivadas das sensações); enfim, ele tende a excluir toda especulação para além dos dados da experiência, quer dizer, a recusar a metafísica. O empirismo de Locke sustentava a existência objetiva dos objetos exteriores dos quais temos a sensação. Mas, a partir de George Berkeley (1685-1753) e de David Hume (1711-1776), o empirismo moderno recusa este postulado e se quer fenomenalista (*fenômeno*, do grego *phainomenon*, ser visível, brilhar. O fenômeno é aquilo que aparece para a consciência, seja diretamente, como os fenômenos afetivos e psicológicos, seja por intermédio dos sentidos, como os fenômenos sensíveis): os dados primeiros da consciência são as impressões sensíveis. Não é possível inferir com certeza, a partir destas percepções, a existência dos objetos que elas representam. A partir do século XIX, com Ernst Mach (1838-1916) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951), entre outros, o empirismo conhece uma renovação. Estes filósofos afirmam que as únicas verdades *a priori* são as puramente formais, da lógica. Abandonando o problema da origem dos conhecimentos, eles querem sobretudo mostrar que somente a experiência pode verificá-los. Enfim, abordando o conhecimento a partir da análise lógica da linguagem, o empirismo moderno não formula o problema da “idéia” em sua relação com a “sensação”, mas da proposição em relação a um fato observável (não se trata de saber, por exemplo, se a idéia de vermelho remete à sensação “vermelho”, mas se o enunciado “esta maçã é vermelha” exprime um fato ao qual se pode confrontá-lo). Cf. verbete Empirismo in CLÉMENT, Élisabeth et alii. (1994) *Pratique de la Philosophie de A à Z*. Paris: Hatier.]

³ [Etologia: tratado dos costumes, usos e caracteres humanos; estudo dos hábitos dos animais e da sua acomodação às condições do ambiente.]

À questão “Que é a psicologia?” pode-se responder fazendo aparecer a unidade de seu domínio, apesar da multiplicidade dos projetos metodológicos. É a este tipo que pertence a resposta brilhantemente dada pelo Professor Daniel Lagache, em 1947, a uma questão colocada, em 1936, por Edouard Claparède⁴. A unidade da psicologia é aqui procurada na sua definição possível como teoria geral da conduta, síntese da psicologia experimental, da psicologia clínica, da psicanálise, da psicologia social e da etnologia.

Observando bem, no entanto, se diz que talvez esta unidade se parece mais com um pacto de coexistência pacífica concluído entre profissionais do que com uma essência lógica, obtida pela revelação de uma constância numa variedade de casos. Das duas tendências entre as quais o Professor Lagache procura um acordo sólido, a naturalista (psicologia experimental) e a humanista (psicologia clínica), tem-se a impressão que a segunda lhe parece pesar mais. É o que explica, sem dúvida, a ausência da psicologia animal nesta revisão das partes em litígio. Certamente, vê-se bem que ela é compreendida na psicologia experimental – que é em grande parte uma psicologia dos animais – mas ela é aí enfeixada como material ao qual aplicar o método. E, na verdade, uma psicologia não pode ser chamada experimental senão em razão de seu método e não em razão de seu objeto. Enquanto que, apesar das aparências, é pelo objeto mais do que pelo método que uma psicologia é chamada clínica, psicanalítica, social, etnológica. Todos estes adjetivos são indicativos de um só e mesmo objeto de estudo: o homem, ser loquaz ou taciturno, ser sociável ou insociável. A partir disso, pode-se rigorosamente falar de uma teoria geral da conduta, enquanto não se tiver resolvido a questão de saber se há continuidade ou ruptura entre linguagem humana e linguagem animal, sociedade humana e sociedade animal? É possível que, neste ponto, caiba, não à filosofia, decidir, mas à ciência, de fato a várias ciências, inclusive à psicologia. Mas, então, a psicologia não pode, para se definir, prejulgar aquilo a que ela é chamada a julgar. Sem o que é inevitável que, se propondo ela própria como teoria geral da conduta, a psicologia faça sua alguma idéia do homem. É preciso, então, permitir à filosofia perguntar à psicologia de onde ela tira esta idéia e se não seria, no fundo, de alguma filosofia.

Nós gostaríamos de tentar, porque não somos um psicólogo, abordar a questão fundamental colocada por um caminho oposto, isto é, pesquisar se é ou não a unidade de um projeto que poderia conferir sua unidade eventual às diferentes espécies de disciplinas ditas psicológicas. Mas, nosso processo de investigação exige um recuo. Pesquisar em que os domínios se recobrem, pode-se fazer pela sua exploração separada e sua comparação na atualidade (uma dezena de anos no caso do Professor Lagache). Pesquisar se os projetos se encontram, pede que se destaque o sentido de cada um deles, não quando ele se perdeu no automatismo da execução, mas quando ele surge da situação que o suscita. Procurar uma resposta para a questão “Que é a psicologia?” se torna para nós a obrigação de esboçar uma história da psicologia, mas, bem entendido, considerada somente nas suas orientações, em relação com a história da filosofia e das ciências, uma história necessariamente teleológica⁵, visto que destinada a veicular, até a questão colocada, o sentido originário suposto das diversas disciplinas, métodos ou empreendimentos, cujo disparate atual legitima esta questão.

I - A psicologia como ciência natural

Uma vez que a psicologia significa etimologicamente ciência da alma, é notável que uma psicologia independente esteja ausente, em idéia e de fato, dos sistemas filosóficos da antigüidade, onde, no entanto, a psiquê, a alma, é tida como um ser natural. Os estudos relativos à alma se encontram divididos entre a metafísica⁶, a lógica e a física. O tratado aristotélico *Da alma* é na realidade um tratado de biologia geral, um dos escritos consagrados à física. Segundo Aristóteles (384-322 A. C.)⁷, os Cursos de filosofia do começo no século XVII tratam ainda da alma num capítulo da Física⁸. O objeto da física é o corpo natural e organizado, tendo a vida em potência, portanto, a física trata da alma como forma do corpo vivo, e não como uma substância separada da matéria. Deste ponto de vista, um estudo dos órgãos do conhecimento, isto é, dos sentidos exteriores (os cinco sentidos usuais) e dos sentidos interiores (senso comum, fantasia, memória), não difere em nada do estudo dos órgãos da respiração ou da digestão. A alma é um objeto natural de estudo, uma forma da hierarquia das formas, mesmo se sua função essencial é o conhecimento das formas. A ciência da alma é uma província da filosofia, no seu sentido originário e universal de teoria da natureza.

⁴ L'Unité de la Psychologie, PUF, Paris, 1949.

⁵ [Teleologia: do grego *télos*, “fim” e *logos*, “discurso”, “ciência”. Discurso sobre a finalidade das coisas e dos seres.]

⁶ [Metafísica: do grego *méta*, “além” ou “depois”, et *phusiké*, “física”, “natureza”.]

⁷ [Aristóteles distingue, em toda coisa, dois aspectos: uma forma, que faz com que a coisa seja o que ela é, e uma matéria, que é o suporte da forma. Por exemplo, a matéria de uma estátua de Zeus é o bloco de mármore no qual ela foi esculpida, sua forma, o conjunto das determinações que lhe permitem representar o deus grego. A matéria é, portanto, essencialmente indeterminação, um bloco de mármore pode se tornar estátua ou outra coisa. A matéria é, portanto, potência, virtualidade. “Existir em potência” se opõe a “existir em ato”, ou seja, segundo uma forma realizada. O bloco de mármore é a estátua de Zeus em potência, mas a obra terminada é a estátua de Zeus em ato. Cf. CLÉMENT, Élisabeth et alii. (1994) *Pratique de la Philosophie de A à Z*. Paris: Hatier]

⁸ cf. Scipion Du Pleix, Corps de Philosophie contenant la Logique, la Physique, la Métaphysique et l'Ethique. Genebra, 1986 (1ª ed., Paris, 1607).

É a esta concepção antiga que remonta, sem ruptura, um aspecto da psicologia moderna: a psicofisiologia⁹ – considerada durante muito tempo como psiconeurologia exclusivamente (mas, atualmente, além disso, como psico-endocrinologia) – e a psicopatologia¹⁰ como uma disciplina médica. Sob esta relação, não parece supérfluo lembrar que, antes das duas revoluções que permitiram o avanço da fisiologia moderna, a de Harvey e a de Lavoisier (1743-1794)¹¹, uma revolução de não menos importância que a teoria da circulação ou da respiração é devida a Galeno de Pérgamo¹², quando ele estabeleceu que é o cérebro, e não o coração, que é o órgão da sensação e do movimento, e a sede da alma. Galeno funda verdadeiramente uma filiação ininterrupta de pesquisas, pneumatologia¹³ empírica durando séculos, cuja peça fundamental é a teoria dos espíritos animais¹⁴, desprestigiada e substituída no fim do século XVIII pela eletro-neurologia. Ainda que decididamente pluralista na sua concepção das relações entre funções psíquicas e órgãos encefálicos, Gall (1758-1828)¹⁵ procede diretamente de Galeno e domina, apesar de suas extravagâncias, todas as pesquisas

⁹ [Psicofisiologia: ciência que tem por objeto o estudo das bases fisiológicas do psiquismo. Como estas bases estão largamente sob a dependência do sistema nervoso e o psiquismo é compreendido como o conjunto dos mecanismos que sustentam o comportamento, a psicofisiologia estuda principalmente as bases nervosas do comportamento. Ela se subdivide em duas grandes correntes, uma voltada às bases nervosas (neurobiologia e neurofisiologia), outra voltada para o comportamento (psicologia e etologia). Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

¹⁰ [Psicopatologia: saber sobre as afecções patológicas da psiquê.]

¹¹ [Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794) revolucionou a química. Mas, não exatamente pelo uso da balança, nem pela célebre fórmula “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. A balança já existia nos laboratórios de química, mas é por volta de 1770, quando se começa a estudar o gás, que ela se torna instrumento essencial, em associação com a “caixa pneumática” (um aparelho fechado que serve para concentrar o gás), e o gasômetro, que permite medir seu volume. A balança de Lavoisier traz um ganho de precisão nas medidas experimentais, transformando o método experimental em prática contábil. A cada etapa, Lavoisier faz o balanço das reações efetuadas: ele pesa antes e depois da experiência, o todo e cada elemento do sistema. Mas, o princípio da conservação não foi inventado por Lavoisier. Já se encontra, em termos vizinhos, em Lucrécio: “Nada nasce de nada; nada retorna ao nada”. A revolução de Lavoisier acontece noutro lugar, na combustão. Para Lavoisier, a combustão é uma combinação com o ar: a fonte de calor não está no combustível, como se acreditava, mas no ar. Daí seus desdobramentos numa teoria da respiração. Cf. SERRES, Michel (org.) *Éléments d'Histoires des Sciences*, Paris: Bordas, 1989.]

¹² [Galeno de Pérgamo foi o responsável por uma transformação na imagem de corpo na medicina da antiguidade. Ele será redescoberto no Renascimento. A partir do século XIV, um professor da universidade de Bolonha, Mondino di Luzzi, autor do primeiro tratado de anatomia, executa dissecações de cadáveres com a única intenção de confirmar as lições de Galeno, apoiando-se na observação. Os ensinamentos de Galeno eram conhecidos e seguidos porque haviam sido transmitidos e conservados, não sem grandes dificuldades, pelos árabes, como Avicena. Em 1531, traduzidos em latim por Guenther, é publicado o *De anatomicis administrationibus*. A obra médica de Galeno oferecia aos estudantes um extraordinário conjunto de dados: uma teoria fisiológica coerente – em relação a uma descrição anatômica do esqueleto e das vísceras (fruto de numerosas dissecações de animais, e talvez de cadáveres) –, uma farmacopéia, um método diagnóstico, e uma teoria filosófica sobre a vida. Misturando pensamento científico, racionalidade metafísica e restos de crenças mágicas, Galeno nos dá uma imagem do corpo que constitui o resultado destes três fatores. O corpo é dominado pela razão, mas está em contato imediato com as forças da natureza, que não pode deixar de imitar. Buscando em Aristóteles a doutrina dos quatro elementos aos quais correspondem, no corpo humano, as combinações das quatro qualidades – quente, frio, seco, úmido –, ele acaba por aceitar na farmacopéia alguns conceitos mágicos refutados pela sua anatomia. Em nome do princípio de que o semelhante atrai o semelhante e afasta o dissemelhante, afirma que o caranguejo, por ser aquático, é eficaz contra a hidrofobia – e os caranguejos de água doce o são ainda mais, pois absorvem a umidade pelo sal que contêm. Assim, pretendendo fundar uma anatomia científica – lançando impropérios contra a feitiçaria, que acredita que sangue de crocodilo melhora a vista –, ainda admite crenças derivadas da mesma forma de pensar mágico-religiosa. Cf. GIL, José. ‘Corpo’ in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 32.]

¹³ [Pneumatologia: tratado dos espíritos, dos seres intermediários que formam a ligação entre Deus e o homem.]

¹⁴ [Espíritos animais: apesar do nome, os espíritos animais são elementos inteiramente físicos. Na fisiologia cartesiana, desempenham o papel hoje atribuído aos impulsos neuro-elétricos: são veículos de transmissão de informação no sistema nervoso. Cf. Cottingham, John. *Dicionário Descartes*, Rio de Janeiro: Zahar, 1993.]

¹⁵ [Franz-Joseph Gall, médico, preocupou-se com o conhecimento das funções das diferentes partes do cérebro e suas relações com as tendências do homem. Assim, consagrou-se ao estudo da anatomia cerebral e, em 1796, começou a difundir as teorias cranioscópicas que o tornariam célebre. Partindo da idéia de que a medula espinhal é o elemento primitivo do sistema nervoso, e de que a compreensão da organização do cérebro supõe uma dissecação ascendente, dilacerando progressivamente os feixes nervosos, para chegar até o manto cortical dos hemisférios cerebrais, que ele estudava por desdobramento das circunvoluções, Gall chamou a atenção para o córtex, então negligenciado, e mostrou a sua unidade e a sua continuidade, enfatizando a sua importância maior nas espécies animais mais evoluídas. A partir disso, elaborou-se uma teoria psicofisiológica, segundo a qual o cérebro, órgão de todas as inclinações, de todos os sentimentos e de todas as faculdades, é composto de tantos órgãos particulares quantos são as inclinações, sentimentos e faculdades, enquanto a forma do crânio, estreitamente moldada sobre a forma do seu conteúdo, permite detectar essas funções pela palpação e pela mensuração. Gall reuniu muitas observações de homens de gênio e de imbecis, de alienados e de criminosos, visitando escolas, asilos e prisões, museus e gabinetes de anatomia, medindo tanto bustos de personagens ilustres quanto cabeças de suplicados, encontrando na teoria, então, argumentos de peso para defender a hipótese da autonomia funcional dos territórios cerebrais. Passando, enfim, de uma teoria das localizações para um procedimento semiológico, estabeleceu um mapa das 27 faculdades fundamentais que acreditou discernir, e criou uma “ciência” nova, a cranioscopia, que permitia ‘ler o caráter do indivíduo’ através das saliências e depressões da sua abóbada craniana. O ponto forte de sua doutrina é, assim, a exclusividade dada ao encefalo, e particularmente aos hemisférios cerebrais, como a “sede” de todas as faculdades intelectuais e morais. O cérebro, entendido como um “sistema dos sistemas”, é apresentado como o único suporte físico das faculdades. A frenologia de Gall é uma cranioscopia fundada sobre a correspondência entre o conteúdo e o continente, entre a configuração dos hemisférios e a forma do crânio. Contra o sensualismo, contra o idéia de aquisição da experiência sob a pressão do meio, Gall e seus discípulos sustentavam o inatismo das qualidades morais e dos poderes intelectuais. Cf. MOREL, Pierre. *Dicionário Biográfico Psi*, Rio de Janeiro: Zahar, 1997]

sobre as localizações cerebrais, durante os sessenta primeiros anos do século XIX, até Broca (1824-1880)¹⁶, inclusive. Em suma, como psicofisiologia e psicopatologia, a psicologia remonta ainda atualmente ao século II.

II - A psicologia como ciência da subjetividade

O declínio da física aristotélica, no século XVII, marca o fim da psicologia como para-física, como ciência de um objeto natural, e correlativamente, o nascimento da psicologia como ciência da subjetividade.

Os verdadeiros responsáveis pelo advento da psicologia moderna, como ciência do sujeito pensante, são os físicos mecanicistas¹⁷ do século XVII¹⁸.

Se a realidade do mundo não é mais confundida com o conteúdo da percepção, se a realidade é obtida e colocada pela redução das ilusões da experiência sensível usual, a depreciação qualitativa desta experiência engaja, pelo fato de que ela é possível como falsificação do real, a responsabilidade própria do espírito, isto é, do sujeito da experiência, enquanto ele não se identifica com a razão matemática e mecânica, instrumento da verdade e medida da realidade.

Mas, esta responsabilidade é, aos olhos do físico, uma culpabilidade. A psicologia se constitui, pois, como um empreendimento de desculpa do espírito. Seu projeto é o de uma ciência que, face à física, explica porque o espírito é, por natureza, obrigado a enganar inicialmente a razão relativamente à realidade. A psicologia se faz física do sentido externo, para dar conta dos contra-sentidos de que a física mecanicista acusa o exercício dos sentidos na função de conhecimento.

A - A FÍSICA DO SENTIDO EXTERNO

A psicologia, ciência da subjetividade, começa, pois, como psicofísica¹⁹ por dois motivos. Primeiramente, porque ela não pode ser menos que uma física para ser levada a sério pelos físicos. Em segundo lugar, porque ela deve procurar numa natureza, isto é, na estrutura do corpo humano, a razão de existência dos resíduos irrealis da experiência humana.

Mas, não se trata aí, portanto, de um retorno à concepção antiga de uma ciência da alma, ramo da física. A nova física é um cálculo. A psicologia tende a imitá-la. Ela procurará determinar constantes quantitativas da sensação e das relações entre estas constantes.

¹⁶ [Paul Broca, seguindo Gall, foi um dos grandes mestres da craniometria. Sua crença mais preciosa era a de que o tamanho do cérebro revelava o grau de inteligência. Mas, outras crenças inundavam suas idéias e conclusões “científicas”: “O rosto prognático (projetado para frente), a cor de pele mais ou menos negra, o cabelo crespo e a inferioridade intelectual e social estão freqüentemente associados, enquanto a pele mais ou menos branca, o cabelo liso e o rosto ortognático (reto) constituem os atributos normais dos grupos mais elevados na escala humana”. Para determinar o que chamava de “capacidade craniana”, Broca desenvolveu um método objetivo, mas ajustado a uma fórmula definida: as raças humanas podiam ser hierarquizadas numa escala linear de valor intelectual. Cf. JAY-GOULD, Stephen. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.]

¹⁷ [*Mecanicismo*: do grego *mechane*, “máquina”. Em sentido estrito, designa a teoria que se desenvolveu ao longo de século XVII, segundo a qual deve-se considerar os seres vivos como máquinas, para explicá-los cientificamente. Em sentido lato, refere-se à explicação do vivo por sua redução às propriedades físico-químicas da matéria.]

¹⁸ cf. Aron Gurwitsch, *Developpement historique de la Gestalt-Psychologie*, in Thales, Ano 2, 1935, págs. 167-175.

¹⁹ [*Psicofísica*: estudo das relações funcionais entre a mente e os fenômenos físicos.]

René Descartes (1591-1650)²⁰ e Nicolas Malebranche (1638-1715)²¹ são aqui os chefes. Em *Regras para a direção do espírito* (XII), Descartes propõe a redução das diferenças qualitativas entre dados sensoriais a uma diferença de figuras geométricas. Trata-se aqui dos dados sensoriais enquanto são, no sentido próprio do termo, as informações de um corpo por outros corpos; o que é informado pelos sentidos externos, é um sentido interno, “a fantasia que não é senão um corpo real e figurado”. Na *Regra XIV*, Descartes trata expressamente do que Emmanuel Kant (1724-1804)²² chamará de a grandeza intensiva das sensações (*Crítica da Razão Pura*, Analítica transcendental, antecipação da percepção): as comparações entre luzes, entre sons, etc., não podem ser convertidas em relações exatas senão por analogia com a extensão do corpo figurado. Se se acrescenta que Descartes, embora ele não seja propriamente o inventor do termo e do conceito de reflexo, pelo menos afirmou a constância da ligação entre a excitação e a reação, vê-se que uma psicologia, compreendida como física matemática do sentido externo, começa com ele para chegar a Fechner²³, graças à ajuda de fisiologistas como Hermann Helmholtz (1821-1894)²⁴.

Esta variedade de psicologia é ampliada por Wilhem Wundt (1832-1920)²⁵ para as dimensões de uma psicologia experimental, sustentada nos seus trabalhos pela esperança de fazer aparecer, nas leis dos “fatos de consciência”, um determinismo analítico do mesmo tipo que aquele do qual a mecânica e a física deixam esperar de toda ciência a universal validade.

²⁰ [Descartes pretendia unificar os conhecimentos segundo o princípio de uma ordem matemática universal. Esta unidade do saber se funda, não sobre a unidade da natureza, mas sobre a unidade do espírito que se aplica do mesmo modo à diversidade de seus objetos. Para Descartes, o importante é, primeiramente, o método que permita submeter o conjunto dos conhecimentos a uma ordem única da razão. No *Discurso do Método*, o filósofo enuncia as quatro regras ou preceitos do método. A evidência é o princípio deste método; ela consiste em só admitir como verdade aquilo que se imponha a um espírito atento de tal modo que seja impossível duvidar. As outras três regras concernem à aplicação do método: 1. a análise permite dividir as dificuldades em parcelas, para melhor resolvê-las; 2. a síntese consiste em progredir do simples, do mais facilmente conhecido, ao complexo ou mais composto e; 3. a recapitulação, pela qual deve-se percorrer toda a cadeia de razões para permitir ao espírito representá-la de um só lance. A evidência permanece o modelo de toda verdade: ou bem ela é evidente, podendo ser apreendida por intuição, ou bem ela é deduzida a partir das evidências, conforme à terceira regra do método. O melhor modo de por o indubitável em evidência é submeter as pretensas verdade a uma dúvida sistemática, recusando toda herança, toda verdade preestabelecida, a fim de assegurar definitivamente, sobre bases inabaláveis, toda ciência futura. A primeira certeza que a dúvida vai revelar é o pensamento: cogito, “eu penso”. Inicialmente, a dúvida não pode abalar a certeza de que ‘eu existo, eu sou’, pois ela a supõe - se duvido é porque existo. Depois, sendo a dúvida uma modalidade de pensamento, só posso estar certo de minha existência por que penso: “penso, logo sou. E, finalmente, concluo que sou uma alma, definida, não como um obscuro princípio de vida, mas como uma coisa ou “substância” pensante, a res cogitans. A presença imediata a si do sujeito pensante, ou seja, a consciência, torna-se o fundamento de toda verdade possível. Cf. CLÉMENT, Élisabeth et alii. (1994) *Pratique de la Philosophie de A à Z*. Paris: Hatier.]

²¹ [Para Malebranche, a verdadeira filosofia é a religião, pois a verdade é Deus. A razão - universal e infinita - é a marca de Deus no homem. A afirmação do caráter divino da razão não é nova, mas com Malebranche ela se torna o ponto de partida de uma doutrina de um conhecimento, racional e sensível, em Deus. Deus tem em si as idéias, os arquétipos, de todas as coisas criadas. É em Deus que nós conhecemos e sentimos. As sensações são o resultado ou o efeito das idéias que Deus imprime em nossa alma. Em consequência, a origem de nossas idéias é inteira e imediatamente divina. Daí resulta que a existência do mundo material não afeta em nada nosso conhecimento, sendo, a rigor, indemonstrável. Pois a percepção que temos da matéria e dos corpos, começando pelo nosso, é o resultado da ação de Deus em nós, que imprime diretamente sobre nossa alma as sensações ligadas ao corpo, segundo a lei geral da união entre alma e corpo. Cf. CLÉMENT, Élisabeth et alii. (1994) *Pratique de la Philosophie de A à Z*. Paris: Hatier.]

²² [O projeto da filosofia kantiana é ser uma crítica, ou seja, ser o exame dos poderes da razão e a definição do domínio no interior do qual estes poderes podem ser legitimamente exercidos. Sua filosofia pode igualmente ser classificada de “transcendental”, ou seja, interroga as condições de possibilidade do conhecimento (razão teórica) e da ação (razão prática). Kant distingue duas grandes faculdades do espírito humano: a sensibilidade e o entendimento. Pela primeira, os objetos nos são dados nas intuições sensíveis; pela segunda, eles são pensados postos em relação, de modo que exista para nós uma natureza submetida a leis e a uma ordem. O conhecimento tem, portanto, condições subjetivas, ligadas ao sujeito cognoscente. Kant faz do sujeito o centro do conhecimento: o conhecimento dos objetos depende das estruturas a priori da sensibilidade e do entendimento. A alma, o mundo como totalidade, Deus, não são, para Kant, objetos de conhecimento, mas “idéias da razão”. Transformar estas idéias em objeto é uma ilusão. Cf. CLÉMENT, Élisabeth et alii. (1994) *Pratique de la Philosophie de A à Z*. Paris: Hatier.]

²³ [Fechner, físico de formação, adotava um ponto de vista monista, segundo o qual matéria e espírito são uma mesma realidade. A “Lei de Fechner”, uma lei de probabilidade, tinha por objetivo definir cientificamente as relações entre as energias físicas e as energias psíquicas. Fechner supunha a existência contínua de sensações definíveis indiretamente a partir da sensibilidade diferencial dos sujeitos. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

²⁴ [Hermann Ludwig Ferdinand von Helmholtz soube aliar a exigência de medida e de quantificação ao sentido filosófico da unidade da natureza. Interessava-se particularmente pelos fenômenos de percepção. Em 1845, num espírito de cruzada, Helmholtz e alguns colegas formam um pequeno grupo cujo objetivo era impor a idéia de que “somente as forças físico-químicas, com exclusão de todas as outras, agem no organismo”. Em trinta anos, tornam-se chefes incontestáveis da medicina e da fisiologia de língua alemã e impõem uma corrente mecanicista e organicista à neurologia e à psicologia, a fim de destacá-las de qualquer modelo filosófico. Realizam, assim, a união da neurologia e da psicologia. Cf. ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris: Fayard, 1997.]

²⁵ [Em 1879, Wundt criou o primeiro Instituto de Psicologia Experimental, cuja finalidade era introduzir a medida objetiva no estudo dos fenômenos psicológicos. Segundo seu ponto de vista, o objeto de estudo da psicologia é a “experiência imediata”, em contraste com a “experiência mediata”. Wundt entendia por “experiência imediata” aquela que é usada como meio para conhecer algo distinto da própria experiência. O estudo da experiência tinha de ser realizado por introspecção, auto-observação controlada do conteúdo da consciência, em condições experimentais. A psicologia experimental tinha, assim, três aspectos: 1. analisar os processos conscientes em seus elementos; 2. descobrir como esses elementos se correlacionavam entre si e 3. determinar as leis de correlação. Cf. ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris: Fayard, 1997 e MARX, Melvin H. & HILLIX, William A. *Sistemas e teorias em Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1997.]

B- A CIÊNCIA DO SENTIDO INTERNO

Mas a ciência da subjetividade não se reduz à elaboração de uma física do sentido externo, ela se propõe e se apresenta como a ciência da consciência de si ou a ciência do sentido interno. É do século XVIII que data o termo Psicologia, tendo o sentido de ciência do eu. Toda a história desta psicologia pode se escrever como a dos contra-sentidos dos quais as *Meditações* foram a ocasião, sem ter sua responsabilidade.

Quando Descartes, no início da *Meditação III*, considera seu “interior” para tentar se tornar mais conhecido e mais familiar a si mesmo, esta consideração visa ao Pensamento. O interior cartesiano, consciência do *Ego cogito*, é o conhecimento direto que a alma tem dela mesma, enquanto entendimento puro. As *Meditações* são chamadas por Descartes *metafísicas* porque elas pretendem atingir diretamente a natureza e a essência do *Eu penso*, na apreensão imediata de sua existência. A meditação cartesiana não é uma confiança pessoal. A reflexão que dá ao conhecimento do Eu o rigor e a impessoalidade das matemáticas não é esta observação de si que os espiritualistas, no começo do século XIX, não temerão fazer patrocinar por Sócrates (470-399 A.C.)²⁶, a fim de que M. Pierre-Paul Royer-Collard (1763-1845)²⁷ possa dar a Napoleão I a certeza de que o *Conheça-te*, o *Cogito* e a *Introspecção* fornecem ao trono e ao altar seu fundamento inexpugnável.

O interior cartesiano não tem nada de comum com o sentido interno dos aristotélicos “que concebe seus objetos interiormente e dentro da cabeça”²⁸ e do qual se viu que Descartes o considera como um aspecto do corpo (Regra XIII). Eis porque Descartes diz que a alma se conhece diretamente e mais facilmente que o corpo. Eis aí uma afirmação da qual se ignora freqüentemente a intenção polêmica explícita, porque segundo os aristotélicos a alma não se conhece diretamente.

O conhecimento da alma não é direto, mas somente por reflexão. Porque a alma é semelhante ao olho que vê tudo e não pode se ver senão pela reflexão, como num espelho... e a alma, de maneira semelhante, não se vê e não se conhece senão pela reflexão e por reconhecimento de seus efeitos.²⁹

Tese que suscita a indignação de Descartes, quando Gassendi (1592-1655)³⁰ a retoma nas suas objeções contra a *Meditação III*, e a qual ele responde: “Não é o olho que se vê, nem o espelho, mas o espírito, o qual só ele conhece o espelho e o olho e a si mesmo”.

Ora, esta réplica não liquida este argumento escolástico³¹. Maine de Biran (1766-1824)³² o volta uma vez mais contra Descartes no seu *Memória sobre a decomposição do pensamento*. A Comte (1798-1857)³³ o invoca contra a possibilidade de

²⁶ [O que se conhece da filosofia de Sócrates, já que ele não escreveu nada? Platão o fez o personagem principal da maioria de suas *Diálogos*, mas não é fácil discernir o que pertence ao Sócrates verdadeiro e o que é o pensamento próprio de Platão. Nós só conhecemos a filosofia de Sócrates indiretamente, através de tradições múltiplas e contraditórias. De qualquer modo, Sócrates parece Ter-se preocupado principalmente com as questões morais (contrariamente aos “físicos” pré-socráticos), tendo sido o instigador de um empreendimento essencialmente crítico. Ele não propõe nenhuma doutrina pessoal e proclama que sua sabedoria é negativa: ele “sabe que nada sabe”, mas este saber é superior aos falsos saberes. Seu objetivo parece ter sido, ao longo de todas as suas conversações com os cidadãos, interrogá-los sobre o que eles acreditavam saber e, colocando-os em contradição com eles mesmos, estilhaçava suas convicções: tal é sabedoria socrática que consiste, em suma, em provocar em outrem esta sabedoria negativa. É assim que é preciso compreender o “conhece-te a ti mesmo” que foi a máxima socrática. Não é um convite à introspecção psicológica, mas a tradução da preocupação em fazer cada um o juiz pessoal de seus pensamentos. Terá sido este o motivo de sua condenação à morte? Em todo caso, é esta crítica das opiniões que faz dele o verdadeiro iniciador do procedimento filosófico. Cf. CLÉMENT, Élisabeth et alii. (1994) *Pratique de la Philosophie de A à Z*. Paris: Hatier.]

²⁷ [Homem político e filósofo francês. Advogado, exercerá um papel político importante na Revolução. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

²⁸ Scipion Du Pleix, op. cit., Physique, pág. 439.

²⁹ Ibid, pág. 353.

³⁰ [Pierre Gassendi escreve uma de suas obras para objetar Descartes, a *Pesquisa Metafísica*. Nela, o filósofo postula que é impossível e inútil fundar as evidências intuitivas, sejam elas instantâneas (como o “penso, logo sou”) ou discursivas (como no encadeamento das razões). O Cogito é criticado de um ponto de vista lógico: em nome do princípio segundo o qual não sabemos o que não sabemos, nada permite afirmar que uma coisa seja tal qual ela nos aparece na evidência racional. Que nós pensemos que o “eu” que pensa seja somente uma substância pensante, não se segue necessariamente que ele o seja. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

³¹ [Escolástica: doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média, dos séc. IX ao XVII, caracterizadas sobretudo pelo problema da relação entre a fé e a razão, problema que se resolve pela dependência do pensamento filosófico, representado pela filosofia greco-romana, da teologia cristã.]

³² [François-Pierre Gonthier de Biran publicou muito pouco ao longo de sua vida. Numa de suas obras, *Decomposição do Pensamento*, Biran começa perguntando-se qual é o fundamento de todo conhecimento, de toda existência percebida ou, noutras palavras, qual o “fato primitivo do sentido íntimo”. Para ser verdadeiramente primitivo, ele deve ser condicionante, e não condicionado. Para ser um fato, deve envolver uma relação entre dois termos: um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido. A sensação, cara a Condillac, pode representar este papel? Não, porque ainda não haveria um “eu” que pudesse dizer “eu sinto”. Seria, então, necessário começar com o “eu sou” de Descartes? Com certeza, mas com a condição de que o “eu sou” não seja identificado ao “eu penso”, ao “eu sou uma substância pensante”. Ter consciência de existir é existir “para si”; mas, ser uma substância, é ser “em si”. A dualidade, envolvida na noção de fato, é absorvida, aqui, na unidade. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

introspecção, isto é, contra este método de conhecimento de si que faz da psicologia a propedêutica³⁴ científica da metafísica, justificando pela via experimental as teses tradicionais do substancialismo espiritualista³⁵.

É que se desconheceu o ensinamento de Descartes, ao mesmo tempo constituindo, contra ele, uma psicologia empírica como história natural do eu – de Locke³⁶ a Ribot (1839-1916)³⁷, através de Étienne Bonnot de Condillac (1715-1780)³⁸ – e constituindo, segundo ele, acreditava-se, uma psicologia racional fundada na intuição de um Eu substancial.

Kant guarda ainda hoje a glória de ter estabelecido que, se Wolff (1679-1754)³⁹ pôde batizar estes recém-nascidos pós-cartesianos (*Psychologia empirica*, 1732; *Psychologia rationalis*, 1734), ele nem por isso conseguiu fundar suas pretensões à legitimidade. Kant mostra que, de um lado, o sentido interno fenomenal não é senão uma forma da intuição empírica, que ele tende a se confundir com o tempo, que, por outro lado, o eu sujeito de todo julgamento de apercepção, é uma função de organização da experiência, mas do qual não poderia haver ciência uma vez que ele é a condição transcendental de toda ciência. Os *Primeiros princípios metafísicos da Ciência da Natureza* (1786) contestam à psicologia o alcance de uma ciência, seja à imagem das matemáticas, seja à imagem da física. Não há psicologia matemática possível, no sentido em que existe uma física matemática. Mesmo se se aplicasse às modificações do sentido interno, em virtude da antecipação da percepção relativa às grandezas intensivas, as matemáticas do contínuo, não se obteria nada de mais importante do que seria uma geometria limitada ao estudo das propriedades da linha reta. Também não há psicologia experimental no sentido em que a química se constitui pelo uso da análise e da síntese. Nós não podemos nem sobre nós mesmos, nem sobre o outro, fazer experiências. E a observação interna altera seu objeto. Querer se surpreender a si mesmo na observação de si conduziria à alienação. A psicologia não pode pois ser senão descritiva. Seu lugar verdadeiro é numa Antropologia, como propedêutica de uma teoria da habilidade e da prudência, coroada por uma teoria da sabedoria.

C - A CIÊNCIA DO SENTIDO ÍNTIMO

Se chama psicologia clássica àquela que se pretende refutar, é preciso dizer que em psicologia há sempre clássicos para alguém. Os Ideólogos⁴⁰, herdeiros dos sensualistas⁴¹, podiam ter como clássica a psicologia escocesa que não propugnava, como eles, um método indutivo senão para melhor afirmar, contra eles, a substancialidade do espírito. Mas a psicologia atomística e analítica dos sensualistas e dos Ideólogos, antes de ser rejeitada como psicologia clássica pelos teóricos da Gestalt, era já tida como tal por um psicólogo romântico como Maine de Biran. Para ele, a psicologia se torna a técnica do Diário íntimo e a ciência do sentido íntimo. A solidão de Descartes era a ascese de um matemático. A solidão de Maine de Biran a ociosidade de um subprefeito. O *Eu penso*

³³ [O positivismo de Comte se constrói em torno de duas preocupações: científica e política. Comte é um renovador social, e ele quer fundar esta renovação em bases científicas. Não se trata de reformar a sociedade traçando um plano ideal, mas de querer para ela o que corresponde ao grau de evolução real da humanidade. A lei essencial desta evolução é a “lei dos três estados”, segundo a qual, o espírito humano é teológico em sua juventude, metafísico em sua adolescência e positivo em sua maturidade. O estado positivo é a idade da ciência. O que o caracteriza é a renúncia ao conhecimento do absoluto (as causas primeiras ou finais), contentando-se com o relativo, ou seja, com o estabelecimento, graças à observação e à experiência, das relações constantes entre os fenômenos. “Relativo”, “positivo” significa também “real”, “certo” e, sobretudo, “útil” (Comte insiste sobre a importância prática da ciência). Enfim ao contrário da metafísica, qualificada de “negativa”, o espírito “positivo” designa uma atitude, não de destruir, mas de organizar. Cf. CLÉMENT, Élisabeth et alii. (1994) *Pratique de la Philosophie de A à Z*. Paris: Hatier.]

³⁴ [*Propedêutica*: introdução, prolegômenos, de uma ciência; ciência preliminar.]

³⁵ Cours de Philosophie positive, 1ª lição.

³⁶ [Cf. nota 1.]

³⁷ [Théodule Ribot escreve sua tese de doutorado sobre a hereditariedade psicológica e a teoria associacionista de Hartley. De 1865 a 1889, é encarregado do curso de psicologia geral na Sorbonne, sendo nomeado para a cadeira de psicologia experimental e comparada no Collège de France. Suas obras traduzem sua vontade de fundar uma psicologia científica, comparativa, patológica e genética. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

³⁸ [A filosofia de Condillac se situa contra Descartes e na linha do empirismo de Locke, do qual ele foi um discípulo. Ela se propõe a explicar a gênese de todas as nossas idéias a partir das sensações e refletir sobre as operações da alma provocadas pelas sensações. A originalidade de Condillac reside no papel fundamental que ele atribui à linguagem, não somente na expressão das idéias, mas em sua própria elaboração: os signos da linguagem são uma instituição humana arbitrária e garantem a transição das idéias oriundas diretamente da sensação para as idéias complexas e abstratas do entendimento e da imaginação. Nominalista, ele afirma que “as idéias abstratas e gerais não são senão denominações”. A linguagem serve, então, de fundamento para a organização do saber e a ciência deve se definir como “uma língua bem feita”. Condillac pretende, assim, fornecer uma análise completa do modo como se constitui o espírito, sem supor uma atividade própria e espontânea deste. Cf. CLÉMENT, Élisabeth et alii. (1994) *Pratique de la Philosophie de A à Z*. Paris: Hatier.]

³⁹ [Christian Wolff, professor de filosofia, influenciou toda a filosofia alemã do século XVIII, Kant inclusive. Elaborou uma ampla sistematização do saber humano.] Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

⁴⁰ [*Ideologia*: ciência da formação das idéias; tratado das idéias em abstrato; sistema de idéias; pensamento teórico que pretende desenvolver-se sobre seus próprios princípios abstratos, mas que, na realidade, é a expressão de fatos, principalmente sociais e econômicos, que não são levados em conta ou não são expressamente reconhecidos como determinantes daquele pensamento.]

⁴¹ [*Sensualismo*: doutrina segundo a qual todo conhecimento provém, e só provém, das sensações.]

cartesiano funda o pensamento em si. O *Eu quero* biraniano funda a consciência para si, contra a exterioridade. No seu escritório calafetado, Maine de Biran descobre que a análise psicológica não consiste em simplificar, mas em complicar, que o fato psíquico primitivo não é um elemento, mas já uma relação, que esta relação é vivida no esforço. Ele chega a duas conclusões, inesperadas para um homem cujas funções são as de autoridade, isto é, comando: a consciência requer o conflito de um poder e de uma resistência; o homem não é, como pensou de Bonald (1754-1840), uma inteligência servida por órgãos, mas uma organização viva servida por uma inteligência. É necessário à alma ser encarnada e, portanto, não há psicologia sem biologia. A observação de si não dispensa o recurso à fisiologia do movimento voluntário, nem à patologia da afetividade. A situação de Maine de Biran é única, entre os dois Royer-Collard. Ele dialogou com o doutrinário e foi julgado pelo psiquiatra. Nós temos de Maine de Biran um *Passeio com M. Royer-Collard nos jardins do Luxemburgo* e nós temos de Antoine-Athanase Royer-Collard, irmão do precedente, um *Exame da Doutrina* de Maine de Biran⁴². Se Maine de Biran não tivesse lido e discutido Cabanis (1757-1808)⁴³ (*Relações do físico e do moral do homem*, 1798), se ele não tivesse lido e discutido Bichat (1771-1802)⁴⁴ (*Pesquisas sobre a vida e a morte*, 1800), a história da psicologia patológica o ignoraria, o que ela não pode. O segundo Royer-Collard é, depois de Pinel (1745-1826)⁴⁵ e com Esquirol (1772-1840)⁴⁶, um dos fundadores da Escola francesa de psiquiatria.

Pinel se bateu pela idéia de que os alienados são ao mesmo tempo doentes como os outros, nem possessos, nem criminosos, e diferentes dos outros, portanto devendo ser cuidados separadamente dos outros e separadamente, segundo os casos, em serviços hospitalares especializados. Pinel fundou a medicina mental como disciplina independente, a partir do isolamento terapêutico dos alienados em Bicêtre e na Salpêtrière. Royer-Collard imita Pinel na Maison Nationale de Charenton, da qual ele se tornou o médico-chefe em 1805, o mesmo ano em que Esquirol sustentou a tese de medicina sobre as *Paixões consideradas como causas, sintomas e meios curativos da alienação mental*. Em 1816, Royer-Collard se tornou professor de medicina legal na Faculdade de Medicina de Paris, e depois em 1821, primeiro titular da cátedra de medicina mental. Royer-Collard e Esquirol tiveram como aluno Calmeil que estudou a paralisia nos alienados, Bayle que reconheceu e isolou a paralisia geral, Félix Voisin que criou o estudo do retardamento mental nas crianças. E foi na Salpêtrière que, depois de Pinel, Esquirol, Lelut, Baillarger e Falret, entre outros, Charcot se tornou, em 1862, chefe de um serviço cujos trabalhos serão seguidos por Théodule Ribot, Pierre Janet, o Cardeal Mercier e Sigmund Freud.

Nós vimos a psicopatologia começar positivamente com Galeno, nós a vimos chegar a Freud, criador, em 1896, do termo *psicanálise*. A psicopatologia não se desenvolveu sem relação com as outras disciplinas psicológicas. A partir das pesquisas de Biran, ela obriga a filosofia a se perguntar, depois de mais de um século, a qual dos Royer-Collard ela deve tomar emprestada a idéia que é preciso ter da psicologia. Assim a psicopatologia é, ao mesmo tempo, juiz e parte no debate ininterrupto do qual a metafísica legou a direção à psicologia, sem no entanto renunciar a dizer sua palavra, sobre as relações do físico e do psíquico. Esta relação foi, durante muito tempo, formulada como somato-psíquica antes de se tornar psicossomática. Esta inversão é a mesma, aliás, que aquela que se operou na significação dada ao inconsciente. Se se identifica psiquismo e consciência - autorizando-se com Descartes, certo ou errado - o inconsciente é de ordem física.

⁴² Publicado por seu filho Hyacinthe Royer-Collard (nos *Annales Médico-Psychologiques*, 1843, t. II, pág. 1).

⁴³ [Pierre-Jean Georges Cabanis foi médico, filósofo e homem de estado na França. Em seu livro *Relações do físico e do moral no homem*, Cabanis apresenta o projeto duplo de uma medicina filosófica: dar à arte médica o estatuto de ciência, pela avaliação das doutrinas e seus resultados, pela reflexão metodológica. Assim reformadas, as disciplinas médicas devem oferecer uma base sólida à “ciência do homem”, ou antropologia, a partir da qual o indivíduo e a sociedade poderão elaborar uma moral racional fundada na natureza. As *relações entre o físico e o moral* devem permitir assentar a análise das idéias sobre a observação das condições precisas de sua gênese na organização fisiológica do homem. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

⁴⁴ [Xavier Bichat era médico, anatomista e fisiologista. Definia a vida como “o conjunto das funções que resistem à morte”, ou seja, como a reação de defesa sensível e contrátil às forças destrutivas dos corpos inorgânicos. Bichat pretende remontar, das indicações da observação, à hipótese de uma força vital cujos limites de nosso entendimento nos impedem de apreender a essência. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

⁴⁵ [Em 1800, Philippe Pinel publicou seu *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*, no mesmo ano em que aparece a *Pesquisa* de Bichat. Pinel tinha uma visão bastante otimista da loucura. Para ela, a loucura podia ser curada, em todas as suas formas. Ele não acreditava numa organogênese direta da loucura, pois não se encontrava lesões cerebrais graves no exame dos corpos dos alienados. Daí defender uma psicogênese da alienação mental, reconhecendo, ao lado de algumas causas “pré-disposicionais”, como a hereditariedade, a importância de causas “ocasionais”. Esta posição psicogenética vai conduzi-lo a preconizar o “tratamento moral”, mostrando que há sempre, no alienado, um resto de razão que permite reestabelecer, num tipo de aliança terapêutica, o diálogo interrompido pela loucura. Apesar da inovação, Pinel transformou, com freqüência, o tratamento moral numa “polícia”, numa regulamentação administrativa da instituição hospitalar. É preciso isolar e classificar os doentes, reparti-los, ele escreve. É que, na verdade, Pinel quis fazer a loucura perder seu estatuto de experiência existencial para fazê-la entrar num quadro médico, onde ela se torna uma simples doença da razão que os médicos podem diagnosticar, classificar, isolar e tratar. Assim, nasce uma nova especialidade médica, a psiquiatria, da qual Pinel é um dos principais fundadores. No mesmo lance, a loucura é reduzida a uma simples patologia, não precisando mais do que a competência dos médicos. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

⁴⁶ [Médico alienista francês, discípulo de Pinel.]

Se se pensa que algo do psíquico pode ser inconsciente, a psicologia não se reduz à ciência da consciência. O psíquico não é mais somente o que está escondido, mas o que se esconde, aquilo que se esconde, ele não é mais somente o íntimo, mas também – segundo um termo retomado por Bossuet (1627-1704)⁴⁷ aos místicos – o abissal. A psicologia não é mais somente a ciência da intimidade, mas a ciência das profundezas da alma.

III - A psicologia como ciência das reações e do comportamento

Propondo definir o homem como organização viva servida por uma inteligência, Maine de Biran marcava de saída – melhor, parece, do que Gall, para quem, segundo Lelut (1804-1877)⁴⁸, “o homem não é mais uma inteligência, mas uma vontade servida por órgãos”⁴⁹ – o terreno sobre o qual iria se constituir no século XIX uma nova psicologia. Mas, ao mesmo tempo, ele designava seus limites, uma vez que, no seu Antropologia, ele situava a vida humana entre a vida animal e a vida espiritual.

O século XIX vê se constituir, ao lado da psicologia como patologia nervosa e mental, como física do sentido externo, como ciência do sentido interno e do sentido íntimo, uma biologia do comportamento humano. As razões deste advento nos parecem ser as seguintes. Inicialmente razões científicas, saber a constituição de uma Biologia como teoria geral das relações entre os organismos e os meios, e que marca o fim da crença na existência de um reino humano separado; em seguida, razões técnicas e econômicas, saber o desenvolvimento de um regime industrial orientando a atenção para o caráter industrioso da espécie humana, e que marca o fim da crença na dignidade do pensamento especulativo; finalmente, razões políticas que se resumem no fim da crença nos valores do privilégio social e na difusão do igualitarismo – a constrição e a instrução pública tornando-se negócio de estado, a reivindicação de igualdade diante dos cargos militares e funções civis (a cada um segundo o seu trabalho, ou suas obras, ou seus méritos) são os fundamentos reais, embora freqüentemente despercebidos, de um fenômeno próprio das sociedades modernas: a prática generalizada, especialidade, no sentido amplo, como determinação da competência e despistamento da simulação.

Ora, o que caracteriza, segundo nós, esta psicologia dos comportamentos, em relação aos outros tipos de estudos psicológicos, é sua incapacidade constitucional de apreender e exibir, na claridade, seu projeto instaurador. Se, entre os projetos instauradores de certos tipos anteriores de psicologia, alguns podem passar por contra-sensos filosóficos, aqui, ao contrário, toda relação com uma teoria filosófica sendo recusada, se coloca a questão de saber de onde uma tal pesquisa psicológica pode tirar seu sentido. Aceitando se tornar, no padrão da biologia, uma ciência objetiva das atitudes, das reações e do comportamento, esta psicologia e estes psicólogos esquecem totalmente de situar seu comportamento específico em relação às circunstâncias históricas e aos meios sociais nos quais eles são levados a propor seus métodos ou técnicas e fazer aceitar seus serviços.

Nietzsche (1844-1900) , esboçando a psicologia do psicólogo no século XIX escreve:

“Nós, psicólogos do futuro..., consideramos quase como um sinal de degenerescência o instrumento que quer se conhecer a si mesmo, nós somos os instrumentos do conhecimento e gostaríamos de ter toda a ingenuidade e a precisão de um instrumento, portanto nós não devemos nos analisar a nós mesmos, nos conhecer”⁵⁰.

Surpreendente mal-entendido e tão revelador. O psicólogo não quer ser senão um instrumento, sem procurar saber de quem ou de que ele é instrumento. Nietzsche pareceu mais inspirado quando, no início da *Genealogia da Moral*, ele se debruçou sobre o enigma que representam os psicólogos ingleses, isto é, os utilitaristas⁵¹, preocupados com a gênese dos sentimentos morais. Ele se perguntava então o que havia conduzido os psicólogos na direção do cinismo, na explicação das condutas humanas pelo interesse, a utilidade, e pelo esquecimento destas motivações fundamentais. E eis que diante da conduta dos psicólogos do século XIX, Nietzsche renuncia a todo cinismo por provisão, isto é, a toda lucidez.

⁴⁷ [Jacques Bénigne Bossuet foi uma das altas figuras espirituais do absolutismo monárquico, realizando uma obra tanto teológica, quanto polêmica. Suas teses foram condenadas pelo Vaticano, depois de longa controvérsia. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

⁴⁸ [Médico alienista francês.]

⁴⁹ Qu'est-ce que la phrenologie? ou Essai sur la signification et la valeur des systèmes de psychologie en général et de celui de Gall en particulier, Paris, 1836, pág. 401.

⁵⁰ *La Volonté de puissance*, trad. Bianquis, livro III, 4.335.

⁵¹ [Utilitarismo: doutrina moral cujos principais representantes são os ingleses Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873), e que põe como fundamento das ações humanas a busca egoística do prazer individual, do que deverá resultar maior felicidade para maior número de pessoas, pois se admite a possibilidade dum equilíbrio racional entre os interesses individuais.]

A idéia de utilidade, como princípio de uma psicologia, dizia respeito à tomada de consciência filosófica da natureza humana como poder de artifício (...), mais prosaicamente, a definição do homem como fabricante de ferramentas (...). Mas, o princípio da psicologia biológica do comportamento não parece ter-se destacado, da mesma forma, de uma tomada de consciência filosófica explícita, sem dúvida porque ele não pode ser operado senão com a condição de permanecer não-formulado. Este princípio é a definição do próprio homem como ferramenta. Ao utilitarismo, que implica a idéia da utilidade para o homem, a idéia do homem juiz da utilidade, sucedeu o instrumentalismo, implicando a idéia de utilidade do homem, a idéia do homem como meio de utilidade. A inteligência não é o que faz os órgãos e se serve deles, mas o que serve aos órgãos. E não é impunemente que as origens históricas da psicologia da reação devem ser procuradas nos trabalhos suscitados pela descoberta da equação pessoal própria aos astrônomos que utilizam o telescópio (Maskelyne, 1796). O homem foi estudado de início como instrumento do instrumento científico antes de ser como instrumento de todo instrumento.

As pesquisas sobre as leis da adaptação e da aprendizagem, sobre a relação da aprendizagem e das atitudes, sobre a detecção e a medida das aptidões, sobre as condições do rendimento e da produtividade (quer se trate de indivíduos ou de grupos) – pesquisas inseparáveis de suas aplicações na seleção e na orientação - admitem todas um postulado implícito comum: a natureza do homem é de ser ferramenta, sua vocação é ser colocado no seu lugar, na sua tarefa.

Evidentemente, Nietzsche tem razão ao dizer que os psicólogos querem ser os “instrumentos ingênuos e precisos” deste estudo do homem. Eles se esforçaram por chegar a um conhecimento objetivo, embora o determinismo que eles procuram nos comportamentos não seja mais, atualmente, o determinismo de tipo newtoniano⁵², familiar aos primeiros físicos do século XIX, mas antes um determinismo estatístico, progressivamente baseado nos resultados da biometria. Mas finalmente qual é o sentido deste instrumentalismo à segunda potência? O que é que empurra ou inclina os psicólogos a se fazerem, entre os homens, os instrumentos de uma ambição de tratar o homem como um instrumento?

Nos outros tipos de psicologia, a alma ou o sujeito, forma natural ou consciência de interioridade, é o princípio que se dá para justificar em valor uma certa idéia do homem em relação com a verdade das coisas. Mas para uma psicologia onde a palavra alma faz fugir e a palavra consciência, rir, a verdade do homem é dada no fato de que não há mais idéias do homem, enquanto valor diferente do de ferramenta. Ora, é preciso reconhecer que para que se possa tratar de uma idéia de ferramenta, é preciso que toda idéia não seja colocada no nível da ferramenta, e que para poder atribuir a uma ferramenta algum valor, é necessário, precisamente, que todo valor não seja o de uma ferramenta, cujo valor subordinado consiste em proporcionar algum outro. Se, pois, o psicólogo não toma seu projeto de psicologia numa idéia do homem, acredita ele poder legitimá-lo pelo seu comportamento de utilização do homem? Nós dizemos bem: pelo seu comportamento de utilização, apesar de duas objeções possíveis. Pode-se observar evidentemente que este tipo de psicologia não ignora a distinção entre a teoria e a aplicação, de outro lado, que a utilização não é parte do psicólogo, mas daquele ou daqueles que lhe pedem relatórios ou diagnósticos. Nós responderemos que, a menos que se confundam o teórico da psicologia e o professor de psicologia, deve-se reconhecer que o psicólogo contemporâneo é, na maioria das vezes, um prático profissional cuja “ciência” é totalmente inspirada na pesquisa das “leis” da adaptação a um meio sócio-técnico – e não a um meio natural – o que confere sempre a estas operações de “medida” uma significação de apreciação e um alcance de perícia. De sorte que o comportamento do psicólogo do comportamento humano enfeixa quase obrigatoriamente uma convicção de superioridade, uma boa consciência dirigista, uma mentalidade de empresário das relações do homem com o homem. E eis porque é preciso voltar à questão cínica: quem designa os psicólogos como instrumentos do instrumentalismo? Como se reconhece aqueles entre os homens que são dignos de designar ao homem-instrumento seu papel e sua função? Quem orienta os orientadores?

Nós não nos colocamos, isto é claro, no terreno das capacidades e da técnica. Que haja bons e maus psicólogos, isto é, técnicos hábeis depois da aprendizagem ou malfazejos por tolice não sancionada pela lei, não é a questão. A questão é que uma ciência, ou uma técnica científica não contém por elas mesmas nenhuma idéia que lhes confira seu sentido. Na sua *Introduction à la Psychologie*, Paul Guillaume fez a psicologia do homem submetido a um teste. O testado se defende de uma investigação, ele teme que se exerça sobre ele uma ação. Guillaume vê neste estado de espírito um reconhecimento implícito da eficácia do teste. Mas se poderia ver nisso também um embrião de psicologia do testador. A defesa do testado é a repugnância de se ver tratado como um inseto, por um homem no qual ele não reconhece nenhuma autoridade para lhe dizer o que ele é e o que ele deve fazer. “Tratar

⁵² [Determinismo: do latim *terminus*, limite, borda. Relação necessária entre uma causa e seu efeito. Sistema de causas e efeitos que mantém entre eles relações necessárias. O sentido metafísico: doutrina segundo a qual o conjunto do real é um sistema de causas e de efeitos necessários, incluindo aquilo que aparenta de modo ilusório derivar da liberdade ou da vontade. A noção de determinismo fundamenta a idéia de lei física. Ela coloca que é possível formular uma lei tal que: uma ou várias causas sendo dadas, tais efeitos se seguem necessariamente. O determinismo não deve ser confundido com a simples causalidade, que estabelece também uma ligação entre dois acontecimentos, com o primeiro produzindo o segundo, sem que tal relação seja apresentada como necessária – pois a mesma causa poderia produzir um outro efeito, mesmo um efeito contrário. O determinismo se opõe portanto às relações de causalidade devidas ao acaso ou à liberdade.]

como um inseto”, a palavra é de Stendhal (1783-1842)⁵³ que a toma de Cuvier (1769-1832)^{54 55}. E se nós tratássemos o psicólogo como inseto; se nós aplicássemos, por exemplo, ao morno e insípido Kinsey a recomendação de Stendhal?

Em outras palavras, a psicologia de reação e de comportamento, nos séculos XIX e XX, acreditou se tornar independente, separando-se de toda filosofia, isto é, da especulação que procura uma idéia do homem olhando além dos dados biológicos e sociológicos. Mas esta psicologia não pode evitar a recorrência de seus resultados sobre o comportamento daqueles que os obtêm. E a questão “Que é a psicologia?”, na medida em que se impede a filosofia de procurar sua resposta, se torna “Onde querem chegar os psicólogos fazendo o que eles fazem?” Quando Gedeão recruta o comando israelita à frente do qual ele reconduz os medianitas para além do Jordão (A Bíblia: Juizes, Livro VII), ele utiliza um teste de dois graus que lhe permite ficar com dez mil homens em trinta e dois mil, e depois trezentos em dez mil. Mas, este teste deve ao Eterno o fim de sua utilização e o processo de seleção utilizado. Para selecionar um selecionador, é preciso normalmente transcender o plano dos procedimentos técnicos de seleção. Na imanência da psicologia científica, a questão permanece: quem

tem, não a competência, mas a missão de ser psicólogo? A psicologia repousa bem sobre um desdobramento, mas não é mais o da consciência, segundo os fatos e as normas que comportam a idéia do homem, é o de uma massa de “sujeitos” e de uma elite corporativa de especialistas investindo-se eles próprios de sua própria missão.

Em Kant e em Maine de Biran, a psicologia se situa numa Antropologia, isto é, apesar da ambigüidade, atualmente muito na moda, deste termo, numa filosofia. Em Kant, a teoria geral da habilidade humana permanece em relação com uma teoria da sabedoria. A psicologia instrumentalista se apresenta como uma teoria geral da habilidade, fora de toda referência à sabedoria. Se nós não podemos definir esta psicologia por uma idéia do homem, isto é, situar a psicologia na filosofia, nós não temos o poder, evidentemente, de impedir a quem quer que seja de se chamar psicólogo e chamar psicologia o que ele faz. Mas ninguém pode também impedir à filosofia de continuar a se perguntar sobre o estatuto mal definido da psicologia, mal definido do lado das ciências como do lado das técnicas. A filosofia se conduz, assim, com a sua ingenuidade constitutiva, tão pouco semelhante à tolice que ela não exclui um cinismo provisório, e que a leva a se voltar, uma vez mais para o lado popular, isto é, para o lado nativo dos não especialistas.

É, pois, muito vulgarmente que a filosofia coloca para a psicologia a questão: dissei-me em que direção tendes, para que eu saiba o que sois? Mas o filósofo pode também se dirigir ao psicólogo sob a forma — uma vez que não é costume — de um conselho de orientação, e dizer: quando se sai da Sorbonne pela rue Saint-Jacques, pode-se subir ou descer; se se sobe, aproxima-se do Pantheon, que é o Conservatório de alguns grandes homens, mas se se desce dirige-se certamente para a Chefatura de Polícia.

⁵³ [Henri Beyle estudava matemática na Escola central de Grenoble, o que o leva à Escola politécnica, logo abandonada para se dedicar ao teatro. Dificuldades financeiras o obrigam a exercer a administração. Tendo entrado na Itália com o exército napoleônico, ele descobre, em Milão, a arte italiana e a música de ópera. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

⁵⁴ [Jean-Léopold-Nicolas-Frédéric, dito Georges Cuvier, era pesquisador e professor. Desenvolveu “a arte dos métodos em zoologia”. Em lugar de trabalhar passo a passo, ele destacou um certo número de linhas diretrizes, que ele chamava de “princípios” ou “leis”: 1. a “lei de subordinação dos órgãos e dos caracteres” que permite definir com um rigor crescente as relações entre os órgãos, sua cooperação natural, a influência preponderante de alguns (assim nasce um ramo fundamental da zoologia, a ciência das leis de organização animal); 2. o “princípio de correlação entre os órgãos” que permite reconhecer um animal a partir de um elemento fragmentar encontrado, abrindo a via para uma ciência nova, a das espécies perdidas, a paleontologia. Tudo isto permitiu à ciência da época desenvolver-se de modo espetacular. Concernindo à evolução, Cuvier reconhecia, no tempo geológico, uma duração muito longa no curso da qual mutações se produziram, mutações que ele atribuiu a modificações locais importantes, como o clima. Ele admitia que, antes da criação do homem, faunas variadas se sucederam, mas sem criações novas: as formas atuais não constituiriam mais do que apenas uma parte do conjunto das formas antigas. Cf. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990.]

⁵⁵ “Em lugar de odiar o pequeno livreiro do burgo vizinho que vende o Almanaque popular, dizia eu a meu amigo M. de Ranville, aplique-lhe o remédio indicado pelo célebre Cuvier; trate-o como um inseto. Pesquise quais são seus meios de subsistência, tente adivinhar suas maneiras de fazer o amor” (*Mémoires d'un Touriste*, ed. Calmann-Levy, tomo II, p. 23).